

Samambaia lança ofensiva contra violência na escola

Natal Eustáquio

Uma reunião entre autoridades das secretarias de Educação e de Segurança Pública do DF e representantes do Sindicato dos Professores (Sinpro), além de diretores e alunos do Centro de Ensino 312, de Samambaia, pode pôr fim ao clima de terra de ninguém que impera na escola. O encontro vai acontecer amanhã, às 19h30, na sede do colégio onde serão discutidas várias alternativas de segurança para o centro de ensino. As aulas continuam suspensas e durante o encontro os alunos de outras seis escolas de Samambaia vão se reunir em frente ao Centro de Ensino 312 com a finalidade de protestar

contra a violência dos estabelecimentos escolares da cidade.

Durante a reunião, os professores do Centro de Ensino 312, entre os quais 15 que lecionam no curso supletivo noturno, vão fazer uma série de reivindicações para beneficiar todas as escolas de Samambaia. A pauta prevê a exigência de policiamento do Batalhão Escolar, com rondas ostensivas na vizinhança das escolas da cidade, e ainda iluminação tanto no pátio interno como nas redondezas dos prédios escolares. A limpeza dos terrenos baldios nas imediações, constantemente utilizados pelos marginais para a prática da violência, completa a lista de reivindicações dos profes-

sores e alunos.

Os diretores há muito reclamam da situação da escola. O

clamor, no entanto, não encontra eco entre as autoridades das secretarias de Educação e de Segurança Pública. A falta de segurança no Centro de Ensino 312 é um problema antigo, uma síntese da realidade de todas as escolas de Samambaia. A fragilidade da segurança somente veio à tona com o assassinato do estudante Odair Fernandes dos Santos, 17 anos. Aluno do nível 2 (6ª série) do supletivo, ele foi morto no dia 26 de maio, por volta das 22h, com um tiro na cabeça ao sair da escola. Segundo investigações dos policiais da 26ª DP, ele teria sido

assassinado por um colega da própria sala de aula. O perigo maior ameaça mesmo os 600 estudantes do período noturno, alunos do curso supletivo. Ir às aulas é uma verdadeira aventura que só termina com o regresso seguro à casa.

O professor de geografia, Paulo Renan Lopes, lembra que a escola não tem qualquer tipo de policiamento. Soldados do Batalhão Escolar, destaca o professor, somente estiveram por lá durante o ano letivo de 1993. "Desde março, quando as aulas começaram, não temos policiamento", comenta Pedro Fernandes Leite, também professor de geografia.